



Campus Universitário de Almada

Instituto Piaget

RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Discriminação de Género na Prática de Rugby no Desporto Escolar

Rodrigo Gomes, n.º 58776

Relatório final

Orientador: Professora Doutora Paula Rodrigues

Coorientador: Mestre Isabel Ribeiro

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

2021/2022

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DE CÓPIA**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM**
Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal,

Rodrigo Saraiva Gomes
Portador do Cartão de Cidadão n.º 140 12784 42X1

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: DISCRIMINAÇÃO DE GÉNERO NA PRÁTICA DE RUGBY NO DESPORTO ESCOLAR

Concluído/a em 22/09/2023,

Declaro, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da/o Relatório final uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado¹ até / /

Email: guigo94@hotmail.com Contacto tlf: 929096084

Data: 22/09/2023

Assinatura: Rodrigo Saraiva Gomes

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

A presente dissertação foi realizada por Rodrigo Saraiva Gomes do
Ciclo de Estudos de Mestrado em Ensino de Educação Física, no ano letivo
de 2021/2022... nos Ensinos Básico e Secundário

O seu autor declara que:

- (i) Todo o conteúdo das páginas que se seguem é de autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho do seu autor.
- (ii) Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.
- (iii) Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.
- (iv) Foi tomado conhecimento de que a versão digital este trabalho poderá ser utilizada em atividades de deteção eletrónica de plágio, por processos de análise comparativa com outros trabalhos, no presente e/ou no futuro.
- (v) Foi tomado conhecimento que este trabalho poderá ficar disponível para consulta no Instituto Piaget e que os seus exemplares serão enviados para as entidades competentes e prevista na legislação.

22 de Setembro de 2023..

Assinatura

Rodrigo Saraiva Gomes

1/1

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DE CÓPIA	III
DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE	IV
AGRADECIMENTOS	VII
RESUMO	IX
Palavras-Chave	ix
ABSTRACT	XI
Keywords	xi
1. INTRODUÇÃO	1
2. RELATÓRIO DE ESTÁGIO	3
2.1. DIMENSÃO PROFISSIONAL, SOCIAL E ÉTICA	3
2.1.1. COMPETÊNCIAS GERAIS INERENTES	3
2.1.2. AUTO-ANÁLISE DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS	3
2.2. DIMENSÃO DO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM	5
2.2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	5
2.2.2. CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS	6
2.2.3. PLANEAMENTO	6
2.2.4. PLANEAMENTO ANUAL	7
2.2.5. PLANEAMENTO DE AULAS	7
2.2.6. ENSINO	8
2.2.7. SISTEMA DE AVALIAÇÃO	9
2.3. DIMENSÃO DA PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	9
2.3.1. PROJETO EDUCATIVO	9
2.3.2. OFERTA EDUCATIVA	10
2.3.3. DIREÇÃO DE TURMA	11
2.3.4. DESPORTO ESCOLAR	11
2.3.5. PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	13
3. DIMENSÃO DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AO LONGO DA VIDA	13
3.1 INTRODUÇÃO	13
3.2 METODOLOGIA	16
3.2.1. AMOSTRA	16
3.2.2. INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO	16
3.2.3. PROCEDIMENTOS	17
3.2.4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	18

3.2.5. CONCLUSÃO DO ESTUDO	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

AGRADECIMENTOS

Neste longo e árduo percurso, gostaria de agradecer a meia dúzia de pessoas que me ajudaram e/ou apoiaram.

Gostaria de agradecer aos meus pais, por me terem ajudado em tudo o que lhes pedi.

Gostaria também de agradecer a dois ou três amigos que cuidaram de mim a nível emocional e que não me deixaram desistir.

E por fim, queria agradecer a alguns professores, desde o 1º ciclo até agora, que foram excelentes exemplos a seguir.

RESUMO

Este relatório de estágio foi dividido em 2 áreas, o relatório de estágio propriamente dito, que foi posteriormente dividido por outras 3 sub-áreas Dimensão Profissional, Social e Ética, Dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem e a Dimensão da Participação na escola e relação com a comunidade. A outra área é a parte da investigação que está inserida na Dimensão do Desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Dentro desta última pretendeu-se analisar se as atletas de rugby, quer dos clubes, quer do desporto escolar, se sentiam discriminadas devido à prática desta modalidade por vezes considerada masculina, e fazer a comparação entre os dois grupos. Foi usada uma entrevista semi-estruturada e realizada a dez alunas/atletas da zona da grande Lisboa com idades entre os 14 e 18 anos inclusive e que revelou que de facto estas entrevistadas se sentiam discriminadas devido a um conjunto de factores e que pareceu não existir diferença aparente entre os dois grupos. Desta forma é necessário realizar mais pesquisa neste âmbito principalmente na vertente do rugby e do desporto escolar.

Ao longo do deste ano letivo aprendi bastante, e apercebi-me que existem muitas outras para aprender ainda. Foram ultrapassadas algumas dificuldades, mas ainda falta um longo caminho pela frente para me tornar um excelente professor.

Palavras-Chave

Rugby, Discriminação, Desporto escolar, Género

ABSTRACT

This internship report was split in two areas, the report itself, that was divided in others three dimensions. The other area is the research part that is inserted in the fourth dimension.

With this study, the objective is to analyze if the rugby athletes, either from clubs, or school sports, feel discriminated for practicing this sport usually considered masculine-oriented, and do a comparison between the two groups. It was used a semi-structured interview and applied to ten students/athletes of the great Lisbon area with ages between 14 and 18 years old and it came to reveal that these students/athletes do feel that they are discriminated for a multiple reasons and there is not an apparent difference between the two groups. In this way it is necessary to do more research in this topic mainly in rugby and school sports.

In this lective year I learned a lot, and realized that there are many more to learn. It was surpassed many difficulties, but there is a lot of ground to walk to become an excellent teacher.

Keywords

Rugby, Discrimination, School sports, Gender

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares do Instituto Piaget no Campus de Almada, durante o ano letivo 2021/2022, este relatório final, serve para apresentar e demonstrar o percurso académico deste último ano e o futuro como docente de Educação Física, definindo objetivos, etapas, formas de operacionalização e avaliação.

Após a finalização deste relatório, será possível utilizar o mesmo como orientação no futuro, visto apresentar grande parte do percurso deste ano de estágio, possuindo ferramentas úteis, orientações e percursos realizados.

A estrutura deste documento encontra-se dividida em 2 partes, sendo a primeira, o relatório de estágio composto por três dimensões, a Dimensão Profissional, Social e Ética, a Dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem e a Dimensão da Participação na escola e relação com a comunidade e, por fim, a segunda parte onde se encontra a quarta dimensão, a Dimensão do Desenvolvimento Profissional ao longo da vida, onde se espelha um trabalho científico.

2. RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Com este relatório pretendo descrever os factos e vivências ocorridas durante o estágio e também o meu empenho na melhoria do processo educativo dos alunos e a minha reflexão crítica sobre a minha atividade como docente estagiário.

Este, como referido acima, é composto por três dimensões e, desta forma, dividida em três partes, a Dimensão Profissional, Social e Ética, a Dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem, e a Dimensão da Participação na escola e relação com a comunidade.

O estágio foi realizado numa escola sede de um Agrupamento de Escolas do Concelho de Sintra, com uma turma de 6º ano, com o qual fiz também o acompanhamento de direção de turma, e uma turma de 10º ano de um curso profissional, assim como acompanhei um grupo-equipa de Desporto Escolar de Rugby.

2.1. DIMENSÃO PROFISSIONAL, SOCIAL E ÉTICA

2.1.1. COMPETÊNCIAS GERAIS INERENTES

Durante a prática de ensino supervisionada, considerei que era importante fomentar nos alunos a prática da entreaajuda e o respeito por todos, pois é algo que nos falta hoje em dia em sociedade e que eu como ex-atleta, treinador e futuro professor prezo, tal como um famoso escritor português, Pedro Chagas Freitas referiu “A falta de respeito é o problema do mundo. Respeito por mim, por ti, pelo cego que canta e pede esmola, pelo gato vadio que se atravessa numa estrada. Já não há respeito. Já não há respeito porque tudo deixou de nos dizer respeito. É tudo distante, é tudo lá – e nunca cá.” (Freitas, 2012)

Em todas as áreas de ensino é de extrema importância que todos os intervenientes no processo ensino-aprendizagem, respeitem as limitações e as capacidades de aprendizagem de cada um. Compete, também, ao professor, seja ele o docente da disciplina ou o estagiário, exigir respeito para consigo, para os outros alunos e, simultaneamente, respeitar os alunos, independentemente da capacidade que estes mostram para adquirir as competências da disciplina.

Na minha opinião, se os valores do respeito e ajuda mútua forem interiorizados, podem e devem servir como ferramenta para a vida.

Nas minhas aulas agrupava os alunos de forma que múltiplas vezes, um aluno mais competente ajudasse outro menos competente a ultrapassar as suas dificuldades.

2.1.2. AUTO-ANÁLISE DE COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS

De acordo, com os objetivos específicos do estágio, definidos pelo Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada do Instituto Piaget e das competências a que me propus adquirir,

surgiram dificuldades/problemas ao longo da prática de ensino supervisionada, todas elas inerentes tanto à minha pouca experiência como docente assim como às variáveis apresentadas por cada turma e mais especificamente por cada aluno, não esquecendo a individualidade própria de cada discente.

Para que o estagiário cresça a nível pessoal e profissional é necessário que seja criada uma solução para cada problema, e assim, haver aquisição de competências para que no futuro, como professor, as dificuldades sejam superadas.

Tendo em consideração que um professor tem um leque alargado de funções, além do leccionamento das aulas, todos têm pontos fortes e condições a melhorar. Compete a cada professor fazer uma introspeção e arranjar ferramentas que lhe possibilitem ultrapassar as dificuldades.

Para tal “A função da análise SWOT(...), é compreender os fatores que influenciam no direcionamento das ações mais apropriadas para alcançar os objetivos almejados”(Souza, 2021).

Através da análise SWOT (*strengths, weaknesses, opportunities e threats*) podemos identificar os nossos pontos fracos e fortes e ainda reconhecer as ameaças e oportunidades. Apresento em seguida, a análise que realizei do estágio.

Pontos fortes:

- Capacidade de adaptação perante diferentes situações, proveniente da prática de uma modalidade desportiva, onde os valores Integridade, Respeito, Solidariedade, Integridade, Paixão e Disciplina, são os pilares. São estes os valores que ao longo do ano letivo incuti nos alunos com quem trabalhei;
- Passar a minha experiência e conhecimento como atleta/treinador de uma modalidade desportiva e servir como estímulo para os alunos tenham interesse pela prática desportiva e conseqüentemente uma melhoria na sua condição de saúde física e psico-emocional.
- Outro ponto positivo a referir foi a minha capacidade de me adaptar às instalações e material desportivo, fazendo um bom uso na prática do ensino da educação física e no desporto escolar.
- No âmbito do Plano Anual de Atividade do Departamento de Educação Física. No desporto escolar onde o inter-turmas está integrado, fui um elemento participativo e da organização. Supervisei uma atividade de “recolha de lixo”, onde todas as turmas tinham essa atividade atribuída, em diferentes dias.
- No Agrupamento existe um Clube Ubuntu dinamizado pelo Serviço de Psicologia e Orientação que promove atividade neste âmbito, com o intuito de promover a educação em saúde escolar e gestão de conflitos, foi-me solicitada a participação em duas sessões, onde dei o meu testemunho sobre superação de dificuldades na resolução de problemas do quotidiano.
- Facilidade na elaboração do documento para registo da avaliação dos alunos. Adaptei uma tabela existente, recorrendo a vários documentos, onde para cada modalidade, introduzi os parâmetros a avaliar, de acordo com o programa nacional de educação

física, e atribui um valor a cada competência de 1 a 5 valores. Nas avaliações e durante a avaliação contínua, atribuía um valor a cada competência adquirida e o somatório correspondia à nota final. O esforço para a aquisição das competências era sempre valorizado.

Pontos fracos:

- Falta de criatividade para arranjar progressões pedagógicas. O facto de utilizar o mesmo exercício em múltiplas ocasiões, pode ter sido monótono para os alunos.
- Organização e preparação das tarefas – sempre que era necessário entregar um documento ou realizar uma tarefa, estava tudo pronto, no entanto sempre em cima do acontecimento, devido a minha falta de organização e gestão do tempo.
- Realização de trabalhos académicos. Na minha opinião sou mais competente na vertente prática do que escrita. Tenho dificuldade em organizar e escrever os documentos solicitados no decorrer do segundo ciclo de estudos do Ensino Superior, incluindo os documentos a apresentar durante o estágio na Escola Básica e Secundária.

Oportunidade de melhoria:

Os pontos fracos referidos são passíveis de melhorar com trabalho, organização e persistência.

Assim,

- Procurei crescer através da observação de aulas de outros docentes;
- A criatividade, é algo que tem de ser trabalhado ao longo do tempo, com pesquisa e com a criação de um portefólio para consulta futura.
- Falando da organização e preparação de tarefas noto que melhorei desde o início do ano letivo, ficando mais competente na pesquisa dos documentos, mas tenciono no futuro continuar a adquirir competências que me permitam uma melhoria contínua.
- Em relação à gestão do tempo, usei uma agenda de apoio, onde estabelecia uma data limite para a realização das tarefas, evitando deste modo atraso e facilitar a minha auto-organização.

Ameaças ao desenvolvimento:

Sobre ameaças ao desenvolvimento não creio que existam, ou pelo menos não podem ser vistas dessa forma pois todas as ameaças são uma forma de aprendizagem e de resolução de problemas, que nos tornam melhores professores e melhores pessoas.

2.2. DIMENSÃO DO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

2.2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola de Estágio encontra-se no concelho de Sintra, sendo que o agrupamento contém uma oferta educativa desde o primeiro ciclo até ao terceiro ciclo, com acréscimo de um curso profissional de equivalência ao 12º ano.

Os espaços de lecionação para as aulas de educação física e desporto escolar são três, dois interiores (pavilhão e ginásio) e um exterior. Existe também uma sala de exercício que raramente é utilizada, tendo sido concebida para uma atividade que já não existe na escola, mas que existem planos para recuperar esta mesma atividade no ano letivo seguinte.

A oferta de desporto escolar é composta por voleibol, badminton, natação e rugby.

2.2.2. CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS

Durante o estágio, lecionei duas turmas, uma de 6º ano e uma de curso profissional de equivalência ao 12º ano (primeiro ano em que abriram a turma neste agrupamento).

A turma de 6º ano compunha 28 alunos, dentro dos quais alguns de nacionalidades diferentes com idades compreendidas entre os 10 e os 12.

Na turma de curso profissional eram 16 alunos de várias nacionalidades também com idades entre os 14 e os 18 sendo que no durante o ano letivo, alguns foram desistindo e outros foram-se matriculando.

2.2.3. PLANEAMENTO

Planeamento é um plano de ação pormenorizado, uma preparação das tarefas e dos trabalhos a realizar, ou seja, definir antecipadamente um conjunto de ações que visam atingir os objetivos da disciplina e do Programa Nacional de Educação Física.

“O planeamento de ensino, portanto, é uma construção orientadora da ação docente, que como processo, organiza e dá direção a prática coerente com os objetivos a que se propõe.”(Bossle, 2007).

Existem vários tipos de planeamento “podendo o planeamento ser de curto prazo (plano de aula, semanal), de médio prazo (plano de unidade de ensino), de longo prazo (plano anual de turma, Projeto Curricular de Escola) ou de muito longo prazo (planos plurianuais, de ciclo de ensino, Projeto Político Pedagógico de estabelecimento).”(Januário, 2017).

O planeamento por blocos e por etapas, têm pontos positivos e negativos, no entanto o planeamento de referência nos Programas Nacionais de Educação Física é o planeamento por etapas.

Segundo Rosado (2010), várias características definem os dois modelos. No modelo por blocos, existe um controlo mais facilitado da turma, da sua organização e maior facilidade de tratamento dos conteúdos, que na minha ótica são aspetos mais positivos, assim como menos inclusividade, menos individualização e a inexistência de ciclo de revisões, são na minha opinião, aspetos mais negativos. No lado oposto, temos o modelo por etapas que inverte estes aspetos positivos/negativos(Rosado, 2010).

Na turma do ensino básico, que lecionei, este estava organizado por etapas, no entanto, a turma do curso profissional pelo facto de trabalhar por módulos e devido ao número reduzido de horas semanais e o número de horas por módulo, acaba por ser necessário o planeamento

por blocos, contudo, dentro dos possíveis foi exequível em algumas sub-matérias, aquelas com mais horas atribuídas, ter um plano por etapas.

2.2.4. PLANEAMENTO ANUAL

O planeamento anual foi feito por cada professor em relação à sua turma, neste caso eu fiz o do curso profissional, passando posteriormente pela professora cooperante para aprovação, assim como todas as alterações que iam sendo feitas. Na turma do 6º ano foi feito pelo professor regente, sendo que me foi mostrado posteriormente, e posteriormente ajustado, ao longo do ano, por mim.

Ao longo do ano letivo e com prática, fui respeitando os planeamentos anuais, mas fui ajustando-os de forma a facilitar uma maior aquisição das competências por todos os alunos, mesmo os que mostravam maior dificuldade. Desta forma, foi possível potencializar a prática pedagógica, melhorar o desempenho e integração dos alunos na prática do exercício físico.

Estes planeamentos e os seus ajustes foram feitos e apresentados aos professores para que todos estivessem a par das mudanças e dos motivos para tal.

No início do ano foi logo definido este plano, sendo que no 6º ano existiu uma primazia pelo basquetebol como matéria fundamental, pois era a que os alunos tinham mais dificuldade, contudo no 2º semestre foi alternando o basquetebol com voleibol e badminton.

Na turma de curso profissional, como referido anteriormente, foi usado um modelo misto de lecionação por blocos e etapas, sendo que no 1º semestre abordou-se o futebol e basquetebol e as matérias menos apreciadas pelos alunos como dança e patinagem e no 2º semestre lecionou-se as restantes, como voleibol, andebol e atletismo.

Em ambas as turmas sempre que o espaço era o ginásio, a matéria escolhida foi a ginástica, mais propriamente a ginástica de solo e de aparelhos, sendo que no curso ainda foi abordado a ginástica acrobática.

O plano plurianual das atividades, como as datas dos torneios, assim como as quatro etapas do ensino, já estavam feitas, tendo sido passadas dos anos anteriores, ajustando apenas as datas para coincidir com os dias da semana corretos.

2.2.5. PLANEAMENTO DE AULAS

O plano de cada aula, era elaborado por escrito e discutido com o professor orientador, antes da aula e selecionados os exercícios de acordo com os propostos no plano. No final da aula era sempre efetuada uma avaliação do plano e uma auto-reflexão.

Ao planear e lecionar as aulas, tinha como objetivo o trabalho por níveis, optei algumas vezes por colocar os alunos com maior competência e responsabilidade com os alunos que demonstravam uma maior dificuldade, para que houvesse entajuda e partilha de conhecimentos.

2.2.6. ENSINO

Qualquer pessoa que ensine algo, tem um estilo de ensinar, quer seja numa empresa, a ensinar a fazer uma tarefa, ou um pai/mãe a ensinar a criança a fazer algo, e o professor é igual.

Existem vários estilos de ensino, que variam ligeiramente de autor para autor, sendo que a maioria concorda com onze estilos de ensino, que são o estilo comando, tarefa, recíproco, autoavaliação, inclusivo, descoberta guiada, descoberta convergente, descoberta divergente, programa individual, iniciado pelo aluno, e o autoensino, tal como referido por Martins, et al. (2020).

Segundo os mesmos autores os estilos de ensino estão divididos em dois, estilos de ensino convergentes que são cinco: o estilo Comando, o estilo Tarefa, o estilo Recíproco, o estilo Autoavaliação e o estilo Inclusivo, e estilos de ensino divergentes que são seis: o estilo Descoberta Guiada, o estilo Descoberta Convergente, o estilo Descoberta Divergente, o estilo Programa Individual, o estilo Iniciado pelo Aluno e o estilo Auto-ensino.

O estilo que mais se enquadra com as minhas aulas são, o estilo tarefa e o estilo inclusão, pois valorizo mais o jogo/jogo reduzido ou outros exercícios com tomada de decisão onde podem optar por utilizar várias técnicas para ultrapassar o problema, e utilizo os mesmos exercícios/jogos adaptados para os menos hábeis, com a ajuda de colegas mais hábeis.

Contudo, por vezes também foi utilizado o estilo de autoavaliação, em que juntamente com o aluno tentávamos perceber o que estava a correr menos bem e o que poderíamos fazer para melhorar. O estilo comando por vezes é necessário quando a matéria a lecionar é uma matéria onde o professor tem menos conhecimento, ou em turmas mais complicadas como foi o caso da minha turma de curso profissional.

Em relação à organização da aula, o planeamento, assim como o espaço que não era partilhado e o facto de aproveitar parte do intervalo para ir buscar o material, permitiam ter as tarefas montadas com antecedência, reduzindo os tempos de transição.

Na turma de 6º ano onde se perdeu mais tempo foi na chamada pois eram muitos alunos e na separação de grupos, a partir desse ponto as aulas corriam sem qualquer problema, ao contrário da outra turma em que sendo mais pequena a chamada era logo feita à medida que iam entrando à espera da começar, sendo esta parte facilitado pelo facto de ser a primeira aula do dia e os alunos iam logo para o espaço, faltando apenas marcar os que vinham mais atrasados, mas dificultava pelos momentos de indisciplina.

Em relação ao feedback tinha sempre atenção em fechar o ciclo de feedback, utilizando mais o avaliativo e o interrogativo na turma do curso profissional e o descritivo mais na turma de 6º ano.

No clima relacional correu tudo bem pois desde sempre tive uma facilidade em interagir com as pessoas, e o facto de iniciar a conversa com os alunos mesmo nos intervalos foi algo positivo que facilitou o clima das aulas.

2.2.7. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Como referi anteriormente, adaptei uma tabela existente, recorrendo a vários documentos, onde para cada modalidade, introduzi os parâmetros a avaliar, de acordo com o Programa Nacional de Educação Física, e atribui um valor a cada competência de 1 a 5 valores. Nas avaliações e durante a avaliação contínua, atribuía um valor a cada competência adquirida e o somatório correspondia à nota final. O esforço para a aquisição das competências era sempre valorizado, ou seja, visto que o ensino era por “semi-blocos” e o número de aulas por matéria era reduzida, apenas existia avaliação diagnóstica e sumativa, não dando aulas suficientes para fazer uma avaliação formativa concreta. Este caso fazia parte da avaliação do curso profissional, sendo que na turma do 6º ano eram avaliados ao longo do ano em situação de jogo na modalidade na sua totalidade, e não por competências, ao que ao longo do ano a avaliação formativa (6ºano) era feita mais ou menos a meio do semestre, sendo realizada enquanto os alunos estavam em situação de jogo/exercício.

A referir, que para a avaliação inicial foi utilizado um protocolo de avaliação elaborado pelo departamento de Educação Física do estabelecimento de ensino onde realizei o estágio (6ºano), combinado com um protocolo de avaliação criado por mim e outros colegas para uma unidade curricular do ano letivo anterior (curso profissional).

2.3. DIMENSÃO DA PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

2.3.1. PROJETO EDUCATIVO

O Projeto educativo é realizado para 4 anos letivos, e é o esboço de um trabalho que se pretende realizar, uma antecipação no tempo, para ser concretizado numa ação futura, mas já planificada, com conteúdos, metas e estratégias.

O Projeto Educativo de um Agrupamento é um documento estruturante onde podemos encontrar os objetivos, princípios e valores, que vão promover a virtude pedagógica e a articulação entre os vários níveis de ensino e fazer uma adequada gestão dos recursos humanos.

O Projeto Educativo do Agrupamento, onde efetuei o estágio, é um documento que tem os alunos como principal referência e pretende que estes sejam formados com objetivos, programas, metas e estratégias.

O Agrupamento tem a preocupação de estabelecer parcerias para a concretização do Projeto Educativo e do Plano Anual de Atividades. Além disso, desenvolve esforços para consolidar os projetos já existentes com as diversas entidades parceiras e promover, caso necessário, novos projetos no âmbito das parcerias estabelecidas. Têm-se apresentado como entidades parceiras: Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, Centro de Saúde, Bombeiros Voluntários, Proteção Civil, PSP-Escola Segura, Centros de Formação locais, Clubes locais, Conservatório de

Música, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPAJ), Empresas locais e Sociedades Recreativas locais.

Portugal tem um Projeto Educativo Nacional, sistematizado numa Lei de Bases e operacionalizado por legislação subsequente. A Lei de Bases do Sistema Educativo estrutura a educação e o ensino, dividindo-o em níveis, ciclos e etapas. A legislação subsequente operacionaliza a sua concretização, definindo os recursos, apontando objetivos, estabelecendo prioridades e metas, fixando disciplinas e programas, estipula quem faz, e como, o acompanhamento dos processos e a avaliação dos resultados.

No agrupamento onde decorreu a minha prática de ensino supervisionada, definiram um conjunto de prioridades de intervenção que levou à delineação de objetivos gerais/metas - educar para o sucesso e para uma cidadania ativa:

- Promover o sucesso educativo e reconhecer o mérito;
- Promover uma cidadania ativa e responsável valorizando atitudes de respeito, cooperação e tolerância;
- Desenvolver a capacidade de pensar, a criatividade e o sentido estético;
- Promover um estilo de vida saudável;
- Melhorar as práticas letivas promovendo a supervisão e o trabalho colaborativo entre docentes;
- Consolidar a identidade do agrupamento, privilegiando a interação com a comunidade.

Apraz-me referir, que como aluno estagiário, era sempre solicitada a minha opinião para todas as decisões, quer seja em Conselho de Turma, quer no Departamento de Educação Física.

Em relação à turma de ensino básico auxiliei na documentação e planeamento, no início do ano letivo. Na turma de ensino secundário, de modo que estivesse melhor preparado para o futuro, realizou-se o contrário, sob supervisão da professora, fui eu que organizei e planeei tudo o que estava relacionado a esta turma.

2.3.2. OFERTA EDUCATIVA

O Agrupamento oferece ensino desde o Pré-Escolar até ao 3º ciclo, incluindo cursos de educação e formação.

A oferta de escola no 3º ciclo consiste nas disciplinas de Tecnologias de Informação e Comunicação, Artes e Expressões e Música, funcionando estas em regime semestral.

Sempre que possível, os alunos dos Cursos de Educação e Formação usufruem da prática da Natação integrada nas aulas de Educação Física. Para os alunos abrangidos por um currículo específico individual, o Agrupamento proporciona uma oferta educativa inclusiva e diversificada, designadamente Asinoterapia (é uma prática que utiliza o burro como animal terapeuta) e Natação.

O Agrupamento tem a preocupação de estabelecer parcerias, já referidas, para a concretização do Projeto Educativo e do Plano Anual de Atividades. Além disso, desenvolveu esforços para

consolidar os projetos já existentes com as diversas entidades parceiras e promover, caso necessário, novos projetos no âmbito das parcerias estabelecidas.

2.3.3. DIREÇÃO DE TURMA

A prática de ensino supervisionada, pressupõem o acompanhamento de uma direção de turma, para que sejam desenvolvidas as competências nesta área. A direção de turma tem uma hora e dia da semana definido, no horário do professor, onde os encarregados de educação têm acesso sem marcação prévia. O Diretor de Turma e a sua direção de turma tem uma determinada hora e dia definidos no horário de ambos, onde são esclarecidos assuntos sobre os alunos e a escola, são fornecidas informação e resolvidos problemas da turma ou de algum aluno.

Durante o referido período escolar tive uma participação ativa nas tarefas burocráticas (justificação de faltas, atas, conferir pautas, registo de contactos com os encarregados de educação).

Tenho a referir que a intervenção e a resolução em questões disciplinares, apesar de poucas e pouco graves, tratadas na direção de turma foram uma aprendizagem enquanto novo professor.

2.3.4. DESPORTO ESCOLAR

Segundo o Projeto de Formação “O Desporto na Escola”, do agrupamento onde estagiei “O Desporto Escolar (DE) é uma área transversal da educação com impacto em diversas áreas sociais. É um instrumento na promoção da saúde, na inclusão e integração social, na promoção do desporto e no combate ao insucesso e abandono escolar.

Pretende-se que seja implementado de forma efetiva em todas as escolas e acessível a todos os alunos. É uma atividade extracurricular de complemento à disciplina de Educação Física (EDF). Deve ser articulada horizontalmente e verticalmente, ao longo de todos os anos de escolaridade, com as atividades curriculares da disciplina de EDF, da Expressão Físico e Motora e, ainda, com as atividades físicas e desportivas de Enriquecimento Curricular do 1º ciclo de Ensino Básico.”

O desporto escolar pretende reforçar e aprofundar as práticas bem-sucedidas, em anos anteriores, e alargar o seu âmbito de intervenção no sentido da construção progressiva de uma “cultura de escola” na área das atividades físicas e desportivas que necessita, como todos sabemos, da vontade e contributo da escola e da sua comunidade educativa.

O propósito do projeto é apresentar/compiler um conjunto de intenções para o ano letivo 2021/22, de acordo com o Programa estratégico do Desporto Escolar 2021-25.

Os Objetivos gerais, do plano do agrupamento, foram: Dinamizar a formação e orientação desportiva, reforçar as aprendizagens e o melhorar da condição física; Complementar a atividade curricular com a atividade desportiva extracurricular, de acordo com a motivação dos alunos; Permitir um maior aperfeiçoamento nas modalidades; Incentivar o espírito desportivo

e de cooperação, contribuindo para o processo formativo dos alunos; Proporcionar condições para que os alunos se enquadrem em tarefas de organização desportiva; Proporcionar aos alunos condições de convívio, através da participação em torneios internos e externos; Fomentar o conhecimento das implicações e benefícios de uma participação regular nas atividades físicas desportivas escolares; Contribuir para a valorização do ponto de vista cultural e compreensão da sua contribuição para um estilo de vida ativo e saudável; Diversificar a oferta contemplando atividades no âmbito dos jogos desportivos coletivos, do atletismo e das atividades em meio aquático; Procurar colmatar comportamentos de indisciplina e de integração no meio escolar face ao contexto socioeconómico da comunidade envolvente.

Acerca deste parágrafo anterior, foram realizados convívios com outras duas escolas, foi também possível ajudar alguns alunos na melhoria da saúde, no sentido da redução de peso, visto que alguns dos alunos possuíam excesso de peso, assim como alguns alunos que tinham problemas de indisciplina, no fim do ano letivo, notava-se uma grande melhoria no seu comportamento.

As atividades internas, desenvolvidas no ano letivo 2021/22, foram:

- Dia da Educação Física – captação de novos atletas para os grupos equipa;
- Corta-mato;
- Torneios inter-turmas de Basquetebol, Andebol, Voleibol, Rugby e Futsal;
- Torneios inter-turmas de Atletismo (velocidade, estafetas, salto em altura, salto em comprimento, lançamento do peso) e Badminton;
- Formação de árbitros;
- Festa final do Desporto Escolar.

As atividades externas – Grupos/Equipa, competição com outras escolas, foram:

- Natação;
- Rugby;
- Badminton;
- Voleibol.

Nas atividades da escola, as tarefas eram divididas e cada um ficava responsável por alguma tarefa de organização do evento e outra durante o evento. Sendo a minha participação nestes pontos as seguintes:

- No dia da educação física implementei jogos de rugby para a captação de novos atletas
- No corta-mato fiquei responsável pela organização dos alunos no ponto de partida e de manter a ordem dos alunos na chegada, assim como orientar alunos voluntários nestes pontos, assim como na entrega das braçadeiras;
- No inter-turmas de basquetebol, éramos dois responsáveis pela organização das turmas, enquanto alunos voluntários faziam de árbitros, assim como no de voleibol, no rugby visto que era apenas para os 5º anos, e a maioria dos alunos do desporto escolar estava a iniciar o rugby, foi necessário eu fazer de árbitro;
- No inter-turmas de badminton foi semelhante ao de basquetebol e voleibol, e no caso do atletismo fiquei responsável pelo salto em altura dos escalões femininos;
- Sobre a formação de árbitros, como dito anteriormente não havia alunos minimamente capacitados para a tarefa.

A minha participação no desporto escolar, foi na área do rugby, onde tendo sido atleta e tendo formação como treinador de grau II, foi, na minha perspetiva uma mais-valia para os alunos e para o professor responsável pelo grupo-equipa, que não tinha formação na área da modalidade.

Esta foi uma área onde me senti reconhecido, pelo esforço que tive enquanto atleta e pelo esforço na formação como treinador, inclusive foi me pedido no início do ano dar uma pequena formação aos outros professores nas regras mais básicas e que seriam prioritárias para o torneio, assim como nas melhores abordagens para a lecionação e aprendizagem dos alunos, ou seja, em vez de formar árbitros, acabei por formar professores na matéria do rugby.

2.3.5. PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante o ano letivo, fui convidado por uma professora de geografia, para colaborar numa visita de estudo, ao qual aceitei com muito agrado. Esta visita foi a pontos de Sintra que os alunos achavam interessantes na sua zona e foi durante um dia. Fiquei bastante satisfeito com o convite, pois mostra que fui bem aceite por todas docentes da escola e não só pelos da disciplina de educação física.

Outra atividade que desenvolvi, foi acompanhar uma aluna da turma de secundário, que tinha os testes de condição física fracos, uma vez que era uma adolescente com obesidade mórbida.

Foi elaborado um plano de treino e avaliado o peso. Todas as semanas, fora do meu horário de lecionação, acompanhava a aluna na realização do plano de treino, com o objetivo de perder peso e melhorar a condição física. O plano não foi concluído, porque a referida aluna, ao fazer 18 anos, arranhou emprego e abandonou o plano de treino, alegando que o horário de trabalho coincidia com o horário do treino.

Por último, como referido anteriormente, foi solicitado o meu testemunho, pelo Clube Ubuntu, de forma a dar o meu parecer sobre superação de conflitos e dificuldades na resolução de problemas do dia-a-dia.

3. DIMENSÃO DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AO LONGO DA VIDA

Neste capítulo que se segue é onde se encontra inserido o artigo científico no qual se aborda um tópico do interesse do estagiário e que seja pertinente para a comunidade científica e escolar.

3.1 INTRODUÇÃO

Um tema atual e que já está expandido para outras áreas, é a discriminação de género, nomeadamente a discriminação de género no que respeita à participação de atletas femininas em modalidades de contacto físico intenso, onde a disputa de força física é predominante, como por exemplo, num nível substancialmente menor, o futebol, e andebol, mas num nível mais elevado, temos as modalidades de luta e no caso desta investigação o rugby.

As mulheres têm tido uma grande participação no desporto moderno, mas ao mesmo tempo encontram diversas barreiras ... uma visão desportiva que ainda reforça e ecoa a histórica e estereótipos orientados para o masculino (Carle & Nauright, 1999).

Algo comum na vida estudantil é o desporto escolar, a grande maioria dos alunos conhece ou participa em alguma modalidade desta atividade existente na escola. Onde o desporto mais comum é o futebol, uma modalidade que tem números bem inferiores em relação a atletas é o rugby, não só nas escolas mas também em clubes por todo o país. Este número é ainda menor quando falamos de atletas do género feminino, onde em todo o território nacional, participam o mesmo número de atletas femininas que os rapazes de apenas um clube de referencia tornando esta uma enorme barreira ainda por superar.

O rugby por ter um elevado contacto físico é considerado como uma atividade masculina (Moura & Starepravo, 2016), criando de certa forma um estereotipo, podendo existir uma discriminação em relação a estas atletas apesar de terem a mesma oportunidade de experimentar os mesmos aspetos do desporto que os homens (Carle & Nauright, 1999).

Várias mulheres acham que é um desporto que requer coragem, compromisso, aguentar o contacto e os hematomas, podendo mesmo assim manter a feminilidade (Cortes De Oliveira et al., 2019).

Felizmente, atualmente as mulheres a nível mundial, estão a mostrar o seu valor (Senibua, 2019), abrindo assim, portas para uma nova geração de atletas, existem também, diversos estudos sobre estas mulheres guerreiras, um pouco por todo o mundo (referidos posteriormente), contudo, poucos são encontrados em Portugal. Em Portugal os estudos de rugby encontrados são principalmente sobre a motivação e sociologia, como é o caso do estudo de Veiga (2019).

Noutros países do mundo, no entanto, o assunto está a ser estudado, países com uma cultura de rugby bem superior à de Portugal, e na sua grande maioria, estes estudos, estão em consenso, que o preconceito por vezes vem por parte dos familiares, mas na sua grande maioria vem por parte de outras mulheres (Moura & Starepravo, 2016), e que maioritariamente se deve ao corpo da mulher ser mais frágil (Carle & Nauright, 1999), acontece também mulheres dizerem que não sofrem, contudo, as histórias que contam, sugerem o contrário, como estes autores indicam nos seus estudos.

Uma visão masculina do porquê as mulheres praticarem a modalidade, prende-se por questões corporais, como a perda de peso (Cortes De Oliveira et al., 2019) e não tanto pelo desporto ou pela modalidade.

Nesta temática a literatura parece ser consensual no que diz respeito à discriminação do género feminino no rugby, ao qual este género se sente discriminado em relação aos rapazes e a outras modalidades consideradas “ mais femininas”. Desta forma, em relação às mulheres no rugby temos vários autores que confirmam esta situação (Carle & Nauright, 1999; Cortes De Oliveira et al., 2019; Moura et al., 2017).

Por exemplo Carle & Nauright (1999) realizaram um estudo de caso onde examinaram a cultura de rugby feminina num clube australiano e a cultura que circula na equipa feminina, assim como questionaram a cultura que emerge à volta de um jogo hiper-masculino. Os autores focaram-se numa equipa feminina de rugby de Brisbane, Australia, e as suas

experiências dentro de um clube dominado maioritariamente pelo sexo masculino. Todos os membros do clube foram entrevistados em 1998 e alguns em 1997. Também foram realizadas entrevistas aos treinadores, dirigentes e outros membros masculinos do clube. Uma sondagem de atitudes masculinas para com as mulheres também foi realizada. Este estudo de caso demonstra que as mulheres no rugby enfrentam um variado número de obstáculos desde familiares hostis até pobres condições de treino e jogos. Quando questionadas, rapidamente apontaram problemas mas que os pontos positivos prevaleceram em relação aos negativos, tais como, devido ao contacto físico, o trabalho em equipa, e a lealdade que fazem parte do jogo, superou a parte negativa, como por exemplo a as redes sociais mostrarem o rugby feminino como pedaços de peluche ou fotos extremamente sexuais, ou o total oposto são representadas como “feias” ou brutas e que não são mulheres verdadeiras.

No artigo de Cortes de oliveira et al. (2019) foi investigado e descrito o processo de entrada e performance de atletas femininas no rugby, assim como as componentes socio-culturais deste tema em relação às diferenças de género na perspetiva das atletas seniores da seleção feminina brasileira. No artigo foi usada uma entrevista semi-estruturada realizada a cinco atletas e que posteriormente foi usada o método de análise *Grounded theory*. Com isto os autores puderam constatar que existem barreiras sociais para a prática de rugby pelas mulheres, contudo, cada vez há mais oportunidades para o desenvolvimento de uma carreira atlética. Apesar de tudo, os autores chegaram à conclusão que as mulheres têm uma necessidade constante de provar que elas conseguem jogar com agressividade para legitimar as suas capacidades atléticas em relação aos atletas masculinos.

Também Moura et al. (2017) descreveram os resultados de um estudo ocorrido no paraná, Brasil, na cidade de maringá, onde foram efetuadas sete perguntas sobre preconceito, através de uma entrevista semi-estruturada, a 15 atletas jogadoras de rugby. A conclusão foi que apesar de as atletas sentirem que sofriam de preconceito, afirmaram também, que não se sentiam incomodadas. As atletas mencionaram, ainda, que o desconhecimento da modalidade, levava a que os seus familiares fossem os primeiros a discriminar as atletas e a referirem que o rugby é um desporto fundamentalmente masculino.

Da mesma forma que estes autores anteriores, o mesmo acontece com a diferença entre os atletas/alunos masculinos e femininos a nível do desporto escolar internacional.(Senibua, 2019)

De acordo com o trabalho realizado por Senibua (2019), o qual alerta para o facto de muitos investigadores terem vindo a examinar as razões e as experiências de atletas de rugby femininas de elite, contudo, poucos investigam o desenvolvimento de atletas rugby femininas dentro do contexto escolar. O trabalho desta autora visa explorar o desenvolvimento destas atletas através da sua motivação percepção e desafios acerca de jogar rugby na escola. Foi utilizado uma entrevista que foi aplicada a quarenta e nove atletas pertencentes a escolas secundárias de Fiji que participaram em torneios de rugby. Com os resultados do estudo surgiram seis temas, os efeitos dos média, socialização, perspetivas da sociedade, benefícios físicos e psicológicos, barreiras culturais e práticas, e modificações no rugby feminino. A conclusão chegada foi que ainda é um trabalho em progresso, que há aspetos positivos e

negativos. Independentemente destes aspetos o crescimento do rugby feminino nas escolas depende da iniciativa das próprias escolas de mostrar interesse na sua participação.

Se no rugby mundial existe tal discriminação, incluindo países com uma grande cultura de rugby na sua história, é de esperar que nesses países tal aconteça a nível escolar, assim como realmente acontece. Então, se acontece nas escolas de outros países com mais e melhor rugby que Portugal, é de prever que o mesmo se suceda cá.

Assim as questões principais a que este estudo se propõe responder são as seguintes:

- As atletas sentem-se discriminadas devido a prática de rugby?
- Existe comparação entre as atletas de desporto escolar e de clubes?

3.2 METODOLOGIA

Metodologia é a forma como realizamos algo, como forma de aquisição de conhecimento objetivo e sistemático que utiliza abordagens, técnicas e procedimentos, para formular e resolver problemas científicos.

No entanto, existem duas formas de abordagem, quantitativa e qualitativa, sendo que devido à forma deste estudo a melhor abordagem e aquela pela qual se optou foi a qualitativa, que será descrita posteriormente.

3.2.1. AMOSTRA

Neste estudo participaram cinco atletas de clubes e cinco de desporto escolar da Zona da grande Lisboa, sendo um total de dez atletas, com idades compreendidas entre os catorze e os dezoito anos (uma atleta/aluna de cada idade), e que praticam a modalidade de rugby.

3.2.2. INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Como instrumento de investigação foi utilizada uma entrevista semi-estruturada permitindo que fossem adicionadas questões no decorrer da entrevista de forma a recolher o máximo de informação que se pretendia e, de certa forma, permitir uma conversa mais fluida e mais agradável.

Para registo das entrevistas foi utilizado o gravador que vem inerente aos smartphones, pois era a forma mais eficaz de recolher os dados necessários, visto terem sido todas as entrevistas de forma presencial o que permitiu garantir que estas seriam confidenciais e mais ninguém se encontrava no local.

Foram posteriormente transcritas as entrevistas para um documento para análise e eventual citação de modo a apresentar e discutir os resultados das mesmas.

A entrevista semi-estruturada utilizada foi baseada na de Moura et al. (2017), adaptadas para português de Portugal, sendo que as cinco principais questões foram:

- Já havia sido alvo de preconceito por praticar a modalidade?

- Se sim por quem?
- Como lida, sente e enfrenta esse tipo de situação?
- Qual é a perspectiva enquanto atleta de Rugby em relação às diferenças no tratamento por pessoas externas, para com os homens e mulheres praticantes da modalidade?
- Faz uma reflexão sobre o motivo de sofrer de preconceito por praticar esta modalidade.

3.2.3. PROCEDIMENTOS

Nesta investigação, como referido anteriormente, foi utilizada uma metodologia qualitativa, aplicada através de uma entrevista presencial.

As entrevistas foram realizadas entre Março e Junho de 2022, mantendo desde o início o anonimato das atletas, assim como refere a lei de proteção de dados (Lei nº 58/2019, de 08 de Agosto), e sendo necessária autorização para a realização da entrevista por parte dos encarregados de educação, se a atleta fosse menor de idade ou das próprias atletas quando a idade for igual a 18 anos. Os dados foram tratados através de um método de análise de conteúdo.

O contacto com as atletas dos clubes foi feito através do contacto com um ex dirigente da Federação Portuguesa de Rugby, de modo a obter os contactos telefónicos dos treinadores/dirigentes dos clubes, que possuíam atletas do género feminino.

Numa segunda abordagem foram contactos os treinadores/ dirigentes dos clubes e solicitados os contactos das atletas ou encarregados de educação e pedido que fossem eles a fazer o primeiro contacto para garantir uma melhor interação.

Após o contacto inicial foi difícil continuar pois, não foi obtida qualquer resposta por parte de alguns encarregados de Educação e, dos que responderam, ou a meio deixavam de responder, sendo necessário voltar a falar com os dirigentes/treinadores para lembrar as atletas e por sua vez os seus encarregados de educação pois muitos deles não iam aos treinos com as mesmas, e só assim era possível continuar as conversações para a realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas nos locais de treino das mesmas.

No caso das atletas de desporto escolar foram contactadas as escolas por contacto telefónico, visto que por email não estava a resultar, de forma a pedir os contactos dos professores que lecionavam rugby no desporto escolar.

Os mesmos falaram com as alunas e transmitiram o meu contacto às mesmas que posteriormente me contactaram para explicação dos procedimentos da entrevista e tirar qualquer dúvida que poderiam ter. Sendo também, tal como com as atletas de clubes, insistir para que obtivesse uma resposta.

Estas entrevistas foram realizadas numa sala do ginásio da escola fora do horário de aulas e fora do horário de treinos.

3.2.4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O presente estudo centrou-se em comparar atletas de rugby desportivo e de desporto escolar, na sua perceção de discriminação por praticarem esta modalidade.

Em relação à primeira pergunta apresentada anteriormente, se já haviam sido alvo de preconceito por praticar a modalidade, as respostas foram divididas como mostra o quadro seguinte.

Idade \ Rugby	Desportivo	Desporto Escolar
14	Sim	Não
15	Sim	Sim
16	Não	Sim
17	Sim	Não
18	Não	Não

Com este quadro, as respostas aparentam refutar, os resultados de o estudo de Carle & Nauright (1999) em que indicam que a maioria sofre de discriminação.

Contudo, ao longo da entrevista com perguntas complementares, apenas para esclarecimento, de forma a tentar perceber a realidade de cada aluna/atleta e através de histórias que foram contando foi possível perceber que esta primeira resposta dada pelas entrevistadas não estava inteiramente de acordo com a sua realidade, como por exemplo este excerto de uma entrevistada (nº 6) que referiu anteriormente que não sofria, “não estou te a ver a jogar rugby porque o rugby é coisas para rapazes é mais brutalidade”, após uma questão acerca de algum comentário que a tinha magoado, o que o quadro seguinte descreve.

Idade \ Rugby	Desportivo	Desporto Escolar
14	Sim	Sim
15	Sim	Sim
16	Sim	Sim
17	Sim	Não
18	Sim	Não

Esta tabela mostra que 80% das alunas/atletas foram discriminadas por alguém por praticarem esta modalidade, o que neste caso já se assemelha aos dados dos autores citados

anteriormente, como no caso de Carle & Nauright (1999). As outras duas alunas que responderam de forma negativa e as suas histórias concordam, são duas alunas que são extremamente tímidas (quando perguntado logo no início, antes da entrevista) e que informaram que a única socialização que têm é uma com a outra e que tirando os colegas de equipa e alguns parentes mais ninguém sabe que praticam rugby, o que pode levar a esta oposição de respostas em relação ao restante das entrevistadas.

Desta forma, as respostas mostram semelhanças entre clube desportivo e desporto escolar em relação à discriminação, assim como vão ao encontro com os artigos expostos anteriormente.

Em relação à segunda pergunta, no caso afirmativo à pergunta anterior, por quem, existiu uma ligeira diferenciação de respostas, mas que podem ser agrupadas, resultando em 3 grupos discriminadores diferentes, apresentados no seguinte quadro.

Idade \ Rugby	Desportivo	Desporto Escolar
14	Colegas de escola e familiares	Colegas de escola
15	Colegas de escola e familiares	Familiares
16	Colegas de equipa	Colegas de escola
17	Colegas de equipa	Não soube responder
18	Familiares	Não soube responder

Este quadro mostra que colegas de escola contam como a maioria dos discriminadores, juntamente com a família, o que corrobora com outros estudos como por exemplo Moura et al. (2017).

Na minha opinião o que foi mais estranho, não foi o grupo dos colegas de equipa em si, mas quem se encontrava dentro desse grupo. Os colegas de equipa em si, era de prever pois são o equivalente aos colegas de escola, mudando apenas o local onde ambos os grupos se encontram, o estranho foi uma destas pessoas, ser o próprio treinador da atleta, que afirmou que ela não pode entrar em jogo por ser menina, visto que na altura em que esta situação aconteceu a atleta praticava num escalão menor, que é misto devido à idade, pois na idade em questão a diferença muscular entre géneros ainda não é substancial.

Dentro dos colegas de escola, as atletas dividiram-se um pouco, umas afirmaram que são discriminadas e que estão sempre a ouvir comentários maldosos, outras afirmam que apenas estranham um pouco, e que não consideram essa estranheza discriminação.

O mesmo acontece com o grupo dos familiares, em que existem pais que estranham, outros que são totalmente contra a prática de rugby (pai, mãe e madrastra), assim como avós, alguns estranham e ficam mais nervosos com os hematomas e apenas querem a neta bem, assim como temos os que são contra, não só contra o rugby mas contra o desporto feminino, alegando que as mulheres não deviam fazer desporto e sim ficar em casa (avó), como no exemplo dado pela entrevistada nº 7, “a minha avó sempre foi contra, isso não é jogo para ti”,

o que é corroborado em parte por Moura et al. (2017) em que o maior discriminador é a família, contudo o artigo de Moura et al. (2017) apenas lida com atletas adultas, o que faz com que colegas de escola não sejam validados, opondo a este trabalho que lida com atletas e alunas em idade escolar.

A terceira pergunta (Como essas desportistas lidam, sentem e enfrentam esse tipo de situação) obteve respostas muito semelhante em todas as entrevistas, que se sentem mal por ouvir comentários e que não gostam, o que já era de esperar, e que elas próprias lidam de uma forma muito simples, ignoram os comentários e mostram/provam que merecem praticar a modalidade, dentro do campo, ou seja, continuam a praticar e a jogar como se nada fosse, como no caso na entrevistada nº 1, “acho que é mais provar depois dentro de campo que conseguem”, inclusive uma entrevistada, afirmou que por vezes também tenta convencer essas pessoas a irem a um treino para perceber realmente o que este desporto oferece e que não é nada do outro mundo uma mulher praticar rugby, como refere a entrevistada nº 5 “não respondem à pessoa em si mas depois quando a pessoa, se calhar, vem e provam que conseguem”. Estes resultados/respostas comprovam o mesmo referido por Cortes de Oliveira et al. (2019) que as atletas têm a necessidade de continuar a provar as suas capacidades atléticas e o gosto pela modalidade.

Assim que chegamos à quarta pergunta (Qual é a perspetiva das atletas de Rugby em relação às diferenças no tratamento por pessoas externas, para com os homens e mulheres praticantes da modalidade) é quando as respostas ficam mais diversificadas, indo desde o aspeto físico ou emocional, às redes sociais e ao aspeto financeiro. As entrevistadas, acabaram por fugir um pouco à pergunta e em vez de responderem às diferenças no tratamento por pessoas externas responderam às diferenças por pessoas ligadas ao rugby.

As respostas principais de cada aluna/atleta encontram-se no quadro seguinte:

Idade \ Rugby	Desportivo	Desporto Escolar
14	As mulheres são mais frágeis	Era vista como uma vantagem (depreciativo)
15	Apenas os masculinos são publicados	Prestam mais atenção às meninas (depreciativo)
16	Os homens têm mais apoio	Que os homens não sofrem comentários maldosos
17	As mulheres são insensíveis	Não soube responder
18	Os homens têm mais apoio	Não soube responder

As duas alunas do desporto escolar, 17 e 18 anos, não souberam responder à questão pelos mesmos motivos apresentados anteriormente.

As outras respostas, não são surpreendentes, pois a pesquisa mostrava respostas semelhantes, contudo as respostas das alunas de 14 e 15 anos, são menos incomuns. Na resposta de ser vista como uma vantagem, advém de um comentário de um colega que achava que o facto de ser rapariga, no jogo que iam ter nessa semana, os outros rapazes iam ter medo ou vergonha de tocar nela, e que a mesma deveria tirar vantagem disso. A resposta de prestar mais atenção às meninas parece algo positivo, mas em contexto torna-se algo negativo, a aluna referiu que num jogo misto (obrigatório no desporto escolar) os outros ficam mais atentos às meninas para ver os erros e se se magoam. No estudo de Cortes de Oliveira et al. (2019) referem que a sociedade ainda estranha uma mulher praticar desporto muitas vezes pelo corpo ser mais frágil que o dos homens, principalmente numa modalidade como é o rugby, o que mostra que as respostas que foram obtidas comprovam o mesmo dito por estes autores.

Por último, a quinta e última pergunta (Faz uma reflexão sobre o motivo de sofrerem de preconceito por praticarem esta modalidade) as respostas foram mais uma vez diversificadas, (e extensas impossibilitando um quadro viável) algumas entrevistadas dizem que se deve às inseguranças dos homens (nº 1), outras que os homens são simplesmente preconceituosos (nº 10), ouve também quem dissesse que se deve ao machismo incluído na sociedade (nº 4) e à ideia da sociedade de que a mulher deve ficar em casa (nº 9).

Aqui estão alguns excertos das alunas/atletas, “podem haver várias razões, pode ser porque os homens estão inseguros, porque nós os podemos ultrapassar numa modalidade”(nº 1),” eu acho que é o machismo que está incluído na nossa sociedade mesmo, porque a nossa sociedade quer queiramos ou não é uma sociedade muito machista”(nº 4),” eu acho que vem muito da comunidade, de como as pessoas pensam”(nº 6), “o contacto que temos uns com os outros a força que nós temos, não, acho que as pessoas não gostam muito dessa parte, têm certo preconceito”(nº 7),” é pela mente fechada da sociedade porque antigamente quem fazia desporto eram os homens”(nº 10). Mais uma vez estas respostas confirmam o que Moura et al. (2017) referem, que advém de uma sociedade de mente fixa.

3.2.5. CONCLUSÃO DO ESTUDO

Concluindo, as alunas /atletas sentem-se de facto discriminadas, e não aparenta existir diferença entre o rugby desportivo e o rugby de desporto escolar. A discriminação não difere com a idade das alunas/atletas, e os seus principais discriminadores são os colegas de turma ou de equipa e os próprios familiares. Estas jogadoras, lidam com esta discriminação através de não reagir na altura, e reagem no campo ou treinos mostrando que são realmente feitas para esta linda modalidade.

Este estudo apresenta limitações como o facto da limitada quantidade de perguntas, não permitir perceber toda a realidade destas jogadoras. Seria necessário também aumentar a pesquisa ao país todo e não apenas à zona da grande Lisboa.

Para pesquisa futura seria viável utilizar um questionário, de modo a abranger com mais facilidade as alunas/ atletas assim como possuir mais dados para análise, sendo necessário criar um questionário mais específico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redação deste relatório final teve um grau de dificuldade acrescido, pois colocar por palavras as experiências passadas durante o estágio não é fácil. O estágio foi muito gratificante apesar de por vezes não ser fácil lidar com personalidades antagónicas.

Apraz-me, ainda, referir a importância de respeitar a individualidade de cada aluno e compreender os seus problemas, conseguindo assim, exigir o respeito sem perder a figura de professor.

O facto de ser treinador de rugby foi uma mais valia principalmente no contexto de desporto escolar e o facto de lidar constantemente com atletas novos ajudou a ser compreensivo e facilitar a interação com todos os alunos.

Foi uma jornada muito importante e enriquecedora e estou ansioso para poder continuar durante bastante tempo.

Em relação à investigação foi bastante difícil pois a comunicação com os pais das entrevistadas era muito demorada e nem sempre eram obtidas respostas, além do facto de não encontrar muita pesquisa acerca deste tema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bossle, F. (2007). Planejamento de ensino na educação física - uma contribuição ao coletivo docente. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 8(1), 31–39.
- Carle, A., & Nauright, J. (1999). A man's game?: Women playing rugby union in Australia. *Football Studies*, 2(1), 55–73.
- Cortes De Oliveira, F. V., Altmann, H., & Rodrigues Marques, R. F. (2019). The women inclusion on rugby: Perceptions of Brazilian national team players. *Motriz. Revista de Educacao Fisica*, 25(3), 1–7.
- Freitas, P.C. (2012), *Eu sou deus* (1. Ed.). Lisboa: Chiado Books
- Januário, C. (2017). O planeamento de jovens professores de Educação Física. In *Educação Física Escolar: Referências para o ensino de qualidade*.
- Martins, M., Costa, J., & Onofre, M. (2020). *Os Estilos de Ensino em Educação Física: entre a teoria e a prática*. (Issue September 2021). Faculdade de Motricidade Humana.
- Moura, G. X. De, & Starepravo, F. A. (2016). Preconceito de gênero com atletas de rugby em países com culturas esportivas distintas. *ANAIS DO VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, September 2016*.
- Moura, G. X. de, Starepravo, F. A., Rojo, J. R., Teixeira, D., & Silva, M. M. e. (2017). Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. *Motrivivência*, 29(50), 17–30.
- Rosado, D. G. (2010). Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, realizada no Agrupamento Vertical no 3 de Évora - Santa Clara e Escola Secundária Severim de Faria, para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. *Universidade de Évora*.
- Senibua, L. T. (2019). The development of women's rugby players within schools in Fiji. *Paper Knowledge . Toward a Media History of Documents*, 16, 11.
- Souza, G. P. (2021). "Análise Swot Como Ferramenta De Avaliação Pedagógica". *Conedu VII Congresso Nacional de Educação*.
- Veiga, R. (2019). Rugby feminino em Portugal - que motivações e barreiras para a prática da modalidade ? *Faculdade de Desporto, Universidade Do Porto*.